



BREVES
VIDA CRISTÃ

Casamento & Celibato apostólico

Deus cria novos corações
queimar e iluminar o mundo

Gerard Jiménez Clopés E Andrés Cárdenas Matute

“CASAMENTO E CELIBATO APOSTÓLICO”

DEUS CRIA NOVOS CORAÇÕES PARA ILUMINAR E AQUECER O MUNDO

www.opusdei.org

Índice

- Novos corações serão criados: Matrimônio e celibato apostólico (1)
- Para iluminar, ter o fogo aceso: Matrimônio e celibato apostólico (2)

Novos corações serão criados: Matrimônio e celibato apostólico (1)

As pessoas que caminharam com Jesus durante sua passagem pela terra, teriam imaginado durante aqueles anos que, em algum momento, teriam que continuar sua existência sem Ele? Ao vê-lo morrer na Cruz, teriam vislumbrado como continuariam, na sua ausência, durante todos os anos que ainda viveriam? Mais cedo ou mais tarde, tiveram que enfrentar esses pensamentos. Talvez por isso se esforçaram para guardar cada momento. Verônica procura manter as feições de Cristo na tela; a Virgem Maria, Maria Madalena e, perto delas, São João, gravam em seu coração cada gesto e cada palavra do Senhor. Outros apóstolos talvez também tenham tentado conservar esses momentos, contemplando-os à distância, por medo de serem reconhecidos. Em todos os casos, a separação foi dolorosa, pois nunca é fácil dizer adeus a quem se ama.

Três dias depois da sua morte, no entanto, Jesus volta. Podemos imaginar a alegria dos apóstolos. Talvez tenham recuperado uma esperança, mais forte desta vez, de permanecer o resto de suas vidas junto ao Mestre, com a certeza de que Ele não partiria novamente. Os encontros com os discípulos de Emaús, com Maria Madalena e com os outros discípulos parecem apontar para isso. “Fica conosco” (Lc 24,29), pedem os que o encontraram afastando-se de Jerusalém. No entanto, o Senhor pede, a cada um, de diferentes modos, que não o retenha. “Não me segures” (Jo 20,17), pede a Maria Madalena, enquanto “desaparecia” (Lc 24,31) da presença dos discípulos de Emaús. Depois de transmitir seus últimos ensinamentos aos apóstolos, parece que desta vez Ele realmente parte definitivamente: “Afastou-se deles e foi levado para o céu” (Lc 24,51).

Como entender essa separação anunciada e desejada pelo próprio Jesus? Mais ainda, como entendê-la quando Ele já não estava sujeito às limitações do tempo nem do espaço? Jesus ressuscitado podia aparecer em uma casa fechada, caminhar junto aos discípulos sem ser reconhecido e desaparecer em um instante. Já não havia distâncias que O separassem dos seus, nem muros que impedissem sua presença. Ele podia estar onde quisesse, com quem quisesse, quando quisesse. E, no entanto, escolhe partir. Justo quando nada o prende, justo quando o vemos manifestar-se sem restrições, decide subir ao céu. Essa escolha, tão inesperada, nos fala de um mistério ainda mais profundo: o seu desejo de nos ensinar a amar de outro modo.

Amar de um modo novo

Talvez nós também já tenhamos imaginado, em algum momento, como teria sido emocionante ver e ouvir Jesus diretamente, viver em seu tempo, senti-lo

fisicamente mais perto. Em alguma ocasião, como aconteceu com São Josemaria, pode ter vindo à nossa mente um pensamento como este: “Senhor, quero te dar um abraço!”^[1]. Assim como os discípulos de Jesus naquele dia da ascensão, nós também desejamos entender o sentido dessa separação. Pode ser que naquele dia tenham lembrado as palavras que Cristo havia pronunciado um tempo antes: “Quando eu tiver ido preparar-vos um lugar, voltarei e vos levarei comigo, a fim de que onde eu estiver estejais também vós” (Jo 14,3). O próprio Jesus lhes havia dito que essa separação era para nos atrair a um lugar melhor e, desta vez sim, definitivo. Ele “precede-nos junto do Pai, eleva-se à altura de Deus e convida-nos a segui-lo”^[2]. Embora surpreendente, sua ausência será como um ímã para que não nos detenhamos aqui, mas para que nos aproximemos progressivamente do nosso destino, ao encontro definitivo com Jesus.

Os primeiros homens e mulheres que seguiram o Senhor ressuscitado tiveram que aprender algo realmente novo, algo que ninguém havia tido que realizar antes: aprender a amar uma pessoa viva, relacionar-se realmente com ela *no presente*, mas sem estar fisicamente perto dela. Tiveram que descobrir modos diferentes de se comunicar e de expressar o afeto. A partida de Jesus para o céu inaugura, para todos, um novo modo de amar. Os discípulos foram os primeiros que tiveram que descobrir essa realidade que, agora, todos os cristãos vivem, pois não podemos amar Jesus exatamente da mesma maneira que amamos outra pessoa. Por exemplo, diante de sua presença real na Eucaristia, nossos sentidos ficam confusos: “A vista, o tato, o gosto se enganam”^[3], nos lembra São Tomás de Aquino. Que maneira peculiar de se tornar íntimo de alguém! À primeira vista pode parecer insuficiente, e por isso pressupõe uma nova educação dos sentidos; um processo que não será imediato, nem se realizará sem esforço. “Ai, quem poderá me curar!” – dizia São João da Cruz que, como todos, viveu constantemente esse aprendizado. “Entrega-te, pois, já deveras, e não queiras enviar-me mais mensageiro algum, pois não sabem dizer-me o que desejo”^[4].

Aprender a relacionar-se com um Deus que se revela e que ao mesmo tempo se esconde não é questão de um dia, nem apenas tarefa do nosso próprio engenho. Desde o início, os próprios apóstolos precisaram de uma ajuda especial para entrar nesse novo modo de conhecer e amar. Jesus prometeu essa ajuda, que seria o Espírito Santo, pois Ele é quem “manifesta-lhes o Senhor ressuscitado, lembra-lhes sua palavra, abrindo-lhes o espírito à compreensão de sua Morte e Ressurreição. Torna-lhes presente o mistério de Cristo (...) a fim de reconciliá-los, de colocá-los em comunhão com Deus”^[5]. Por isso, em um famoso hino da tradição cristã, pedimos ao Espírito Santo que desperte em nós os sentidos espirituais: “Vinde, Espírito Criador, visitai a alma dos vossos fiéis; enchei de graça celestial os corações que Vós criastes (...). Acendei a vossa luz em nossas almas, infundi o vosso amor em nossos corações; e a fraqueza da nossa carne, fortaleci-a com perpétua força”^[6].

Os santos, casados ou não, aprenderam isso

Todos os cristãos, solteiros e casados, jovens e idosos, sacerdotes e leigos, precisam aprender este jogo de nos deixar atrair por um Deus que se manifesta e se esconde de um modo particular. Talvez naqueles que receberam o dom do celibato ou nas pessoas solteiras, essa necessidade de aprender a amar pela fé seja mais evidente, pois sua vida, também destinada a dar e receber amor, não conta com a presença física de uma pessoa com quem compartilhar sua existência e sua

intimidade. No entanto, também na vida matrimonial, é Jesus Cristo quem preenche totalmente a necessidade de amor de cada cônjuge. Em uns e outros, assim como nos primeiros discípulos, o Espírito Santo é quem torna possível essa transformação.

Eduardo Ortiz de Landázuri^[7], médico supernumerário do Opus Dei, casado com Laura Busca, contava que aprendeu sobretudo duas coisas de São Josemaria: amar todas as pessoas, com seus defeitos e limitações normais, porque via em cada uma um filho de Deus; e descobrir nas atividades normais de cada dia uma profundidade sobrenatural, espiritual, divina^[8]. Ambas as coisas requerem ver além da superfície, do que aparece diante de nossos olhos, captar o verdadeiro valor das pessoas e até das coisas mais insignificantes. “As pessoas, geralmente, têm uma visão plana, pegada à terra, de duas dimensões – escrevia São Josemaria-. Quando a tua vida for sobrenatural, obterás de Deus a terceira dimensão: a altura. E, com ela, o relevo, o peso e o volume”^[9]. Essa nova maneira de ver a realidade é especialmente importante nos momentos difíceis. Anos mais tarde, Eduardo contou a um jornal como estava vivendo sua doença, tinha sido diagnosticado com um câncer. Em resposta a seu testemunho, outro paciente escreveu-lhe uma carta de agradecimento e disse-lhe o quanto o havia achado inspirador, mesmo sendo ateu. Eduardo respondeu: “Pode ter certeza de que, como médico, estou totalmente convencido de que o Senhor acampa sempre junto ao doente. Isso faz muito bem a eles. Seus ouvidos são muito mais sensíveis e sua visão mais profunda”^[10].

Os santos são os mestres dos sinais discretos de Deus e os que melhor aprenderam a olhar, compreender e amar desse modo novo. São Josemaria aprendeu a reconhecer a presença de Deus no que poderia parecer mais banal. Na sua adolescência, ao ver as pegadas de um carmelita na neve, acendeu-se nele a chama da vocação; nos primeiros anos de sacerdócio, vivendo com poucos recursos, atreveu-se a pedir ao seu anjo da guarda que o despertasse pela manhã; mais tarde, durante a guerra civil espanhola, saiu de uma grande perturbação interior quando, ao encontrar uma rosa de madeira (parte de um retábulo de uma igreja destruída), compreendeu que deveria seguir em frente em seu caminho; e posteriormente, durante sua vida e como parte desse aprendizado alcançado, gostava de decorar a casa em que vivia com objetos que despertassem o sentido da presença de Deus, essa nova maneira de se comunicar com Jesus. Os santos aprenderam a se guiar e a amar pelos sentidos espirituais. Sua tarefa agora é “despertar o desejo de Deus, naqueles que tem a felicidade de deles se aproximar”^[11].

Um processo que conta com nossas fraquezas

Quando Jesus sobe ao céu e envia seu Espírito para, dessa forma, estar junto a cada um de nós, de um modo novo, “todos os dias até o fim do mundo” (Mt 28,20), o que Ele queria nos entregar exatamente? O que Ele continua nos oferecendo? Jesus conhece nossas dificuldades para conhecê-lo e para amá-lo. “Não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se de nossas fraquezas” (Hb 4,15), diz São Paulo. Jesus sabe que o desejo de comunhão que reside em nós foi ferido pelo pecado, que muitas vezes nos leva a agir às cegas, com expectativas falsas, com uma consciência equivocada de nosso próprio valor. E o Espírito Santo vem curar em todos, solteiros e casados, esse desejo de dar e receber amor. Deus vem

facilitar que encontremos a verdadeira fonte da vida, que é Ele mesmo: “tem sede de que nós tenhamos sede dele”^[12].

O Espírito enviado por Cristo vem *resgatar* a capacidade dos discípulos para conhecê-lo e amá-lo, às vezes até usando seus próprios pecados. Pedro, por exemplo, aprende que sua traição não tem a última palavra, e que aquilo não deve obscurecer sua visão ou seu coração. Jesus mesmo reacende sua vida, perguntando-lhe sobre o verdadeiro amor que está no fundo de seu coração, para lançá-lo novamente à missão: “Apascenta minhas ovelhas” (v. 17). A ressurreição de Cristo e o envio do Espírito Santo em Pentecostes nos lembram que podemos receber um fogo para conhecer e amar de modo novo, independentemente da nossa idade ou do que possa acontecer. Ernesto Cofiño^[13], já com mais de cinquenta anos de idade, decidiu abrir-se mais intensamente a esse trabalho do Espírito Santo. Sua esposa percebeu que algo novo estava acontecendo e, talvez para encorajar esse impulso, disse a quem ajudava Ernesto espiritualmente: “Eu não sei o que vocês fizeram com meu marido (...) mas é uma maravilha!”^[14]. Esta oferta do Senhor – esta graça – pode ser aproveitada por “todos os que tiverem um coração grande, ainda que tenham sido maiores as suas fraquezas”^[15].

Força que podemos moldar junto de Deus

Uma vez cheios do Espírito Santo, o Senhor nos impulsiona à missão de modos variados. Envia Maria Madalena para anunciar aos apóstolos que ressuscitou; envia os apóstolos para proclamar o Evangelho ao mundo inteiro; Marta, Maria e Lázaro podem ser vistos como um modelo de acolhimento a Cristo em seu próprio lar. Assim, cada santo é uma expressão de amor, movida pelo amor de Deus. Essa maleabilidade ou flexibilidade da nossa capacidade de amar é uma característica natural do ser humano que o Senhor reforça. Graças à liberdade, não estamos necessariamente escravizados aos nossos impulsos, como a vida animal, mas somos capazes de escolher o que amar, quanto amar e como amar.

Nas pessoas casadas, essa flexibilidade permite moldar a vida matrimonial conforme as fases da vida. O amor experimentado no início do namoro adquire nuances diferentes ao longo do tempo, com a paternidade e a maternidade, e pode continuar a se desenvolver à medida que enfrentamos tempos de prosperidade e crise. Quando o amor de Deus está no centro desse projeto, o casamento encontra uma âncora e uma fonte inesgotável de amor e de vida. Tomás Alvira^[16], já na maturidade, em uma conferência que ministrou para avós, refletiu sobre sua própria experiência e disse: “O que são setenta ou oitenta anos diante de uma eternidade? Nada. Diz-se que, comparado à eternidade, todo homem é sempre jovem (...). Um jovem de dezesseis ou dezoito anos, com músculos bem desenvolvidos, se sente jovem ao ajudar um idoso a se levantar ou a carregar um objeto pesado. Uma pessoa mais velha não tem os músculos fortes para realizar essas tarefas, mas pode ter um espírito firme, sentir-se jovem espiritualmente e ajudar os jovens, seus netos, abrindo-lhes caminhos e as melhores rotas que conhece por sua experiência”^[17]. Assim, tanto uns como outros vão descobrindo a maneira de amar própria da sua idade, impulsionados pelo Espírito Santo, que conserva um amor sempre jovem, brotando do eterno e infinito coração de Deus.

A flexibilidade dessa força, desse amor, também se manifesta quando ele parece ser instável, ou seja, quando surge com vigor e não conseguimos direcioná-lo

como gostaríamos. Vemos isso, por exemplo, nas infidelidades, assim como quem alimenta desejos mundanos ou em quem gera relações tóxicas ou abusivas. Esses casos costumam expressar um desejo descontrolado de amar e ser amado, mostrando até que ponto o pecado original enfraqueceu a condição humana. “Sinto-me capaz de todos os horrores e de todos os erros que as piores pessoas cometem”^[18], dizia São Josemaria. Por isso, podemos concluir com Santo Agostinho: “O homem é realmente um grande mistério (...) os cabelos são muito mais facilmente enumeráveis do que as afeições e sentimentos do coração”^[19].

Contudo, a vida de Cristo nos lembra que a grandeza dessa força de amar pode não apenas ser resgatada, mas também moldada maravilhosamente pelo Espírito Santo. Isso se aplica até mesmo a situações em que uma tentativa de vida matrimonial fracassou ou a momentos de dificuldade especial. Vemos como o amor de Jesus acolhe com ternura a todos: crianças e idosos necessitados; fortalece os apóstolos jovens e os que parecem já ter uma vida estabelecida; oferece amizade aos que levarão a semente do Evangelho para longe de seu lar e aos que evangelizarão a partir de casa.

Ele também dedica muita atenção àqueles que o consideram adversário, fariseus, saduceus e mestres da lei, e até tenta atrair Judas Iscariotes até o fim. Em resumo, seu amor se dirige não apenas à sua família em Nazaré, a seus amigos próximos ou aos de sua região, mas a todo aquele que deseja se abrir ao amor de Deus, em qualquer circunstância: essa é sua família (cf. Mc 3,35).

Essa grande flexibilidade da capacidade de amar, que Cristo deseja que também surja em nós – sustentada, fortalecida e moldada pelo Espírito Santo –, é a que torna possível a grandeza tanto do matrimônio quanto do celibato, para casados e solteiros.

O fluxo de amor que brota no coração humano pode se direcionar tanto ao cônjuge e à própria família quanto se expandir – à imagem de Jesus – para a grande família do Senhor, vivendo como Ele mesmo viveu. O Espírito Santo habita essa flexibilidade da nossa capacidade de amar e eleva qualquer caminho humano.

Por isso, seguindo os ensinamentos de São Josemaria, o prelado do Opus Dei, Mons. Fernando Ocáriz, recorda que “o matrimônio é um ‘caminho divino na terra’”, e que, por sua vez, o celibato é “um chamado a uma especial identificação com Jesus Cristo, que também comporta, inclusive humanamente, mas sobretudo sobrenaturalmente, mais capacidade para querer bem a todo o mundo. Daí que o celibato, que não conta com a paternidade e a maternidade físicas, torne possível uma maternidade ou paternidade espirituais muito maiores”^[20]. Por isso, pedimos na tradicional oração ao Espírito Santo: “Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Envai o vosso Espírito e tudo será criado. E renovareis a face da terra”. Então, em quem vive o celibato, ou está casado, nos solteiros e viúvos, novos corações serão criados.

Com a ausência física de Cristo e com a efusão do Espírito Santo em Pentecostes, os apóstolos iniciavam uma etapa diferente. Tudo permanecia igual e, ao mesmo tempo, tudo mudava. Em certo sentido, a missão agora estava *mais em suas mãos*. Continuariam a fazer o mesmo, mas com uma *autonomia* especial. Esse fato

demonstra até que ponto o Senhor valoriza e confia em nossa liberdade para continuar a buscá-Lo, compreender o caminho e decidir o rumo da nossa missão. Por isso, em qualquer caminho ao qual Deus nos chama, o crescimento como apóstolos passa por formar verdadeiramente *um time* com o Espírito Santo. Embora a felicidade na terra possa ser um pouco efêmera, a pessoa que vive no Espírito Santo mostra que, tanto nos sucessos quanto nos fracassos, o Senhor continua presente e nos atrai para si. Com sua graça, Ele transforma progressivamente nossos sentidos para evitar que nos acomodemos e para que descubramos o quanto deseja que cresçamos em seu amor, para depois abraçar-nos definitivamente no céu.

Gerard Jiménez Clopés e Andrés Cárdenas Matute

Tradução: Mônica Diez

[1] Pilar Urbano, *O homem de Villa Tevere*, Quadrante, São Paulo.

[2] Bento XVI, Homilia, 26 de maio de 2005.

[3] São Tomás de Aquino, *Hino Adoro te devote*

[4] São João da Cruz, *Cântico Espiritual*, Cântico 6-7.

[5] Catecismo da Igreja Católica, n.737.

[6] Hino *Veni Creator*.

[7] Eduardo Ortiz de Landázuri (1910-1985) foi um médico espanhol especializado em medicina interna, reconhecido por seu trabalho na Clínica da Universidade de Navarra. Destacou-se por sua profunda consciência da vocação cristã e sua dedicação ao atendimento dos pacientes.

[8] Cfr. Esteban López-Escobar, Pedro Lozano, *Eduardo Ortiz de Landázuri*, Palabra, Madrid 1994, 267-268.

[9] São Josemaria, *Caminho*, n.279.

[10] Juan Antonio Narváez Sánchez, *El doctor Ortiz de Landázuri. Un hombre de ciencia al encuentro con Dios*, Palabra, Madri 1997, 177.

[11] São João Paulo II, Homilia, 18 de outubro de 1991.

[12] Santo Agostinho, *De diversis quaestionibus octoginta tribus* 64, 4. Citado no Catecismo da Igreja Católica, n. 2560.

[13] Ernesto Cofiño (1899-1991) foi um médico e pediatra guatemalteco, pioneiro na saúde infantil em seu país. Ele dedicou sua vida ao cuidado das crianças e ao ensino, influenciando, com sua vida cristã, diversas iniciativas sociais. Foi membro do Opus Dei e seu processo de beatificação está em andamento.

[14] José Luis Cofiño, José Miguel Cejas Arroyo, *Ernesto Cofiño*, Rialp, Madrid 2003, 122.

[15] São Josemaria, *Instrucción*, 1-IV-1934, n. 66. Citado em Andrés Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. I, Quadrante.

[16] Tomás Alvira (1906-1992) foi um educador e cientista espanhol, doutor em Ciências e professor catedrático. Membro do Opus Dei, destacou-se pelo compromisso com a formação dos jovens e pelo exemplo de vida cristã no matrimônio e na família. Seu processo de beatificação está em andamento.

[17] Alfredo Méndiz, *Tomás Alvira. Vida de un educador (1906-1992)*, Rialp, Madrid 2023, 289-290.

[18] São Josemaria, *Via Sacra*, capítulo XIV.

[19] Santo Agostinho, *As Confissões*, Livro IV, XIV, 2.

[20] Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 20 de outubro de 2020, n. 22. A citação interna é de São Josemaria, recolhida em *Conversaciones*, n. 92.

[Voltar ao índice](#)

Para iluminar, ter o fogo aceso: Matrimônio e celibato apostólico (2)

Em meados dos anos cinquenta depois de Cristo, Suetônio escreve que o imperador Cláudio “expulsou [de Roma] os judeus que, impulsionados por Cresto, provocavam altercações com frequência”^[1]. Aos olhos da autoridade romana, afirmavam que Cristo estava vivo, embora os de Jerusalém insistissem em que havia morrido crucificado: tratava-se dos cristãos procedentes da Judeia que possivelmente tinham ido à capital do império para anunciar Jesus ressuscitado. Eles compreenderam que não eram só os doze apóstolos que estavam chamados a realizar aquela missão, mas todos os discípulos de Cristo de todos os tempos. Isso São Paulo recorda a uma das primeiras comunidades: “Sois uma carta de Cristo” – diz-lhes – que foi redigida em vossos corações ‘com o Espírito de Deus vivo’ (2 Cor 3,3). Todos eram chamados a ser, com sua vida, uma mensagem para os outros, escrita pelo próprio Cristo.

Naquele grupo muitos eram casados, como “o centurião Cornélio, que foi dócil à vontade de Deus e em cuja casa consumou-se a abertura da Igreja aos gentios (At 10, 24-48); Áquila e Priscila que difundiram o cristianismo em Corinto e em Éfeso e que colaboraram no apostolado de São Paulo (At 18, 1-26); Tábita, que com sua caridade assistiu os necessitados de Jope (At 9, 36)”^[2]. Muitos outros, pelo contrário, não abraçavam o matrimônio por diferentes razões, entre elas, ter recebido o dom do celibato, com uma chamada a unir-se também a esse aspecto da vida de Jesus. É o que relata Galeno – um famoso médico pagão – por volta do ano 200 que também “há entre eles mulheres e homens que se abstiveram da união sexual por toda sua vida”^[3]. O que também, na mesma época, São Justino testemunha: “Muitos homens e mulheres, já septuagenários, cristãos desde a juventude, conservam-se virgens”^[4]. O que havia de novidade na mensagem ou no estilo de vida daqueles cristãos, casados e solteiros, viúvos e celibatários, que fizeram temer o próprio imperador?

Viviam sob uma nova lei

“Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19): com esta frase o Senhor envia os apóstolos – e continua enviando-nos – a todo o mundo. Jesus acrescentou, além disso, que aonde fossem, ensinassem “a observar tudo o que vos prescrevi” (Mt 28,20). Se estas palavras chegaram aos ouvidos do imperador Cláudio, seria compreensível que ele se enchesse de nervosismo, pois Jesus Cristo estava estabelecendo uma nova lei, que, ao que parece, afetava qualquer território, inclusive o dele. O mandamento de Cristo, no entanto, era muito diferente do que talvez o imperador

imaginasse: a lei dos discípulos – que os distinguiram se a vivessem – não era outra, senão amar como Ele mesmo amou.

Jesus definiu essa lei peculiar como o “mandamento novo” (cfr Jo 13, 34) e, em boa medida, é sempre novo, pois não é simples aprender a amar assim. Se observarmos à nossa volta, há muitos cantos de sereia que nos convidam a viver de outra forma, a amar ídolos, interiores ou exteriores. E se olharmos dentro de nós, também existem motivos de sobra para tornar evidente, inclusive, que pode ser delicado amar-nos assim a nós mesmos: com a passagem do tempo acumulamos tensões, fracassos, medos, que vão golpeando a nossa própria autoestima. Quem pode amar a Deus, a si mesmo e ao próximo como Jesus fez?

Acolher a realidade como amada por Deus, sem devolver o mal por mal, sem procurar a justiça por nossa conta, tentando ver como nós também podemos amá-la é parte de “guardar o que Ele ensinou”. No casamento, os esposos declaram um ao outro: “eu te recebo e me entrego a ti e prometo ser fiel na prosperidade e na adversidade, na saúde e na doença, e amar-te e respeitar-te todos os dias da minha vida”. De certa forma, Deus realiza isso mesmo conosco; promete-nos que, junto dele, toda realidade pode ser aceita. Inclusive no que é mais obscuro – desgraças, doenças, injustiças, infidelidades, fracassos – podemos descobrir o significado misterioso, uma luz tênue e, com sua ajuda, podemos compreender como “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rom 8, 28).

A bem-aventurada Guadalupe^[5] dizia que, para realizar o apostolado do Opus Dei, estaria “contente onde me necessitem”^[6], pois sabia que qualquer circunstância era propícia para viver esse novo mandamento de Jesus, essa nova lei do amor que convida todos a viverem em uma lógica diferente. Por isso, “seu projeto de vida ficou engrandecido ao ser colocado dentro do plano divino: Guadalupe deixou-se levar por Deus, com alegria e espontaneidade de um lugar a outro, de um trabalho a outro. O Senhor potencializou sua capacidade e talentos, desenvolveu sua personalidade e multiplicou os frutos de sua vida”^[7]. A vida dos santos recorda-nos o que é viver sob este novo império que vence o egoísmo com o amor de Cristo que se encarna nos cristãos.

A chamada à paternidade e maternidade espirituais

É lógico, por isso, que os discípulos tenham começado a ver as pessoas com outros olhos; já não viam distinções de nação nem de qualquer outro tipo, mas procuravam amar com o coração misericordioso de Deus, judeus, samaritanos, galileus, romanos, gregos ou persas. Imitando Jesus, adquiriam pouco a pouco um coração de pai e de mãe, pois eram chamados a comunicar uma vida nova ao dar à luz na fé a tantas pessoas. São Gregório de Nisa indica que o motivo pelo qual Jesus era celibatário era precisamente porque Ele vinha ao mundo não para gerar filhos nascidos do sangue ou da carne (cfr Jo 1, 13), e sim para dar-nos a vida sobrenatural, engendrando-nos como filhos de Deus^[8]. Todos os cristãos – seguidores de Jesus Cristo –, solteiros e casados, somos chamados a essa paternidade ou maternidade espirituais.

Viver esse novo tipo de paternidade ou maternidade é a missão mais alta de toda pessoa. Assim como o Gênesis sublinha a vocação à paternidade e à maternidade físicas (cfr Gn 1,28), poderíamos dizer que os primeiros discípulos, herdeiros de

um novo gênero humano a partir da Ressurreição do Senhor, foram chamados a uma nova paternidade e maternidade em Cristo. A própria bem-aventurada Guadalupe várias vezes, ao escrever a São Josemaria, não pode ocultar sua alegria vendo crescer essa vida nova nas pessoas à sua volta, especialmente nas estudantes da residência em que morava: “Às vezes, vendo-as todas contentes e trabalhando bem, nos parece que já conseguimos tudo, e esquecemos que o nosso trabalho é nada menos que ensiná-las a ser santas, sendo nós também”^[9].

Os cônjuges recebem essa fecundidade especialmente através da graça do matrimônio, mas não somente aí. Com o Espírito Santo e os outros sacramentos, dispõem sempre de luz e forças novas para cuidar um do outro e para educar os filhos – quando chegam – nutrindo-os com a vida de Deus. Aqueles que não têm filhos podem também descobrir essa fecundidade inflamar o amor de Deus em pessoas e lugares que talvez nunca tivessem imaginado.

É também o próprio Espírito Santo que concede uma graça especial às pessoas solteiras ou àquelas que receberam o dom do celibato: com isso imitam a vida de Cristo no modo particular de cuidar e de dar a vida espiritual a tanta gente.

Na vida de Marcelo Câmara^[10], supernumerário do Opus Dei que faleceu muito jovem, observa-se claramente essa paternidade espiritual. Uma amiga recorda uma conversa com o Marcelo, num dia em que se sentia triste: “Lá estava eu – diz ao recordar um desses momentos – ganhando de presente mais uma vez aquela sensação, como se eu estivesse por poucos segundos sentindo Cristo muito próximo, cuidando de mim, me incentivando na fé. Uma sensação de paz indescritível”^[11]. Algo similar recordam os alunos de Arturo Alvarez^[12], adscrito do Opus Dei, engenheiro e professor mexicano. Numa carta dirigida a ele, diziam: “Um mestre é aquele que além de dar sua matéria, dá a seus alunos parte do seu próprio ser, de sua filosofia de vida e de seu credo. Ao dar sua aula cada manhã, vemos como em cada atividade procura a oportunidade de realizar-se, de santificar-se (...). É um mestre que deixará uma marca profunda em nossa vida”^[13].

Uma limpeza necessária do coração

Jesus, durante os delicados momentos da Última Ceia, diz aos apóstolos: “Vós estais limpos”; embora acrescente a seguir: mas “nem todos”, referindo-se a Judas (cfr Jo 13, 10). Há aqui outra pista sobre esta nova vida à qual Ele convida os apóstolos: um estilo de vida “limpo”. Quer dizer, coerente e em sintonia com Ele, e que encontra no coração de Jesus a melhor maneira de amar os outros. E esta chamada é para todos, em qualquer estado em que a pessoa esteja. São Josemaria comprehendeu-o bem, e por isso escreveu: “Prometo-vos um livro – se Deus me ajudar – que poderá ter este título: ‘Celibato, Matrimônio e Pureza’”^[14]. A limpeza de coração é fonte de fecundidade para uns e outros. Embora o fundador do Opus Dei não tenha chegado a escrever esse livro, desejava dizer que todos podem ser igualmente abençoados com a fecundidade quando encontram a fonte de sua vida no amor de Deus e no amor aos outros, nesse “novo mandamento”. Aos casados dizia: “Vejo o leito conjugal como um altar”^[15]. E aos celibatários: “Ânsia de filhos? ... Filhos, muitos filhos, e um rastro indelével de luz^[16]”.

Talvez possamos compreender melhor essa “limpeza” da qual fala o Senhor ao olhar com um pouco mais de perspectiva a história de Judas. Os grandes planos e

ambícões que ele albergava estavam misturados com um mundanismo ao qual não quis renunciar. No final, sem sentir-se abençoado nem sequer com as trinta moedas de prata que ele mesmo negociou, acabou detestando tudo o que possuía: esse dinheiro, ser contado entre os apóstolos, e até sua própria vida. Tudo o que se afasta dessa limpeza de coração termina por revelar-se como um vil engano que nos defrauda, que nos distancia de nossa verdadeira felicidade. Neste sentido, as tentações de Jesus no deserto são bem eloquentes: mostram como o diabo, prometendo um pouco de pão, de glória e de honra, na verdade está interessado em que Jesus se desvie e deixe de realizar os planos divinos. O demônio é capaz de seduzir uma pessoa com alguma coisa boa desde que a desvie da missão que dá sentido à sua própria vida. A tentação não está tanto no “apropriar-se” de alguns bens, pequenos ou grandes, mas em que esses bens nos segurem e nos impeçam de dedicar as melhores energias ao serviço de Deus e dos outros.

Essa “limpeza de coração”, embora se forje no fundo da alma, manifesta-se também exteriormente, muitas vezes em pequenos gestos. Na vida matrimonial, pode ser vital uma maneira detalhista de relacionar-se, lembrar de aniversários, surpreendendo o outro adivinhando seus gostos etc. Do casal Alvira^[17], por exemplo, aprendemos como “ao comprar a própria roupa, Paquita escolhia quase sempre as cores que agradavam a seu marido”. E, por sua vez, Tomás, “quando iam ao cinema, planejava para ir ver – muito feliz – os filmes... que ele sabia que agradavam mais a ela”^[18]. A pessoa celibatária também comunica, com palavras e atitudes, que é chamada a dar vida sobrenatural e que o amor de sua vida tem um nome. Aprende a ser compreensiva com todos, sensível às necessidades dos outros, aprende ainda a deixar claro, sem equívocos, o compromisso de sua vida e de sua intimidade. “O celibato apostólico – afirma o Prelado do Opus Dei – pelo fato de comportar um compromisso de coração indiviso para Deus, deve ser visível num teor de vida entregue, análogo ao de uma pessoa casada, que não se comporta como se não tivesse nenhum compromisso”^[19].

Cristo é a verdadeira riqueza

Essa “limpeza” da qual Jesus fala na Última Ceia oferece-nos ainda outro ensinamento. Sabemos que o fato de que Judas não estivesse limpo deve-se, pelo menos em parte, a que ele tenha deixado crescer no seu interior um afã desordenado pelas riquezas (cfr Jo 12, 6). Não se sabe de que quantidade de dinheiro o grupo dos doze dispunha. Não seria muito, mas tinham o suficiente para valer-se por si mesmos e para atender os mais necessitados. Quando Jesus disse a Judas “o que tens que fazer, faze-o logo”, os outros pensaram que, como ele era quem guardava o dinheiro, Jesus lhe estava pedindo que comprasse o necessário para a festa ou que desse alguma coisa aos pobres (cfr Jo 13, 27-29).

Essa “limpeza” à qual o Senhor convida seus apóstolos inclui também a ordem em nossas relações com as coisas materiais; recorda eloquentemente como é decisivo confiar em Deus e, portanto, ter a convicção de que a finalidade dos bens materiais está em impulsionar nossa missão espiritual. Quando Jesus envia setenta e dois discípulos para anunciar o Reino, e em muitos outros momentos, insiste em que não levem coisas supérfluas, não atesourem sem sentido e não se preocupem de modo desordenado pelos bens da terra. Porque é fácil que nosso coração se afeiçoe, se apegue a essasseguranças e que deixe de brilhar nele a tênue luz do Espírito Santo para dar lugar ao falso resplendor da avareza. Por isso não é estranho ver, nos inícios da Igreja, os apóstolos distribuindo bens aos mais

necessitados com magnanimidade (cfr At 4,34; 24, 17; 1Cor 16, 1-4; Gal 2,10; e outros) e sempre, possuindo ou não riquezas, mostrando qual era a fonte essencial de sua missão: “Não tenho ouro nem prata – disse São Pedro a um paralítico – mas o que tenho te dou: Em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda!”(At 3,6).

O cristão aprende a amar “na prosperidade e na adversidade, na saúde e na doença”: ou chegando ao fim do mês fazendo malabarismos com as contas, ou procurando com criatividade como pôr os bens a serviço dos outros. O casal Alvira conta que conseguiu um verdadeiro “milagre econômico”^[20] ao permitir a seus filhos terminarem os estudos. Toni Zweifel^[21], numerário suíço do Opus Dei, por seu lado também é recordado como alguém que “levou uma vida generosa e sóbria”^[22]. Isso, porém, era o fruto maduro de um caminho que ele começou ainda quando era um jovem engenheiro. Conta-se que antes de descobrir sua vocação como numerário possuía um luxuoso carro esportivo, presente de seu pai como prêmio a seus êxitos de estudante de engenharia^[23]. Quando se decidiu pelo celibato apostólico, “deu logo a entender a seu pai que precisava de um modelo de carro mais adequado a suas condições de vida, e conseguiu que ele o trocasse por outro mais útil para a residência: um Saab de sete lugares”^[24] que foi essencial para a vida de todos. Em definitivo, aprendeu a utilizar os bens de modo que contribuíssem para reforçar sua missão de apóstolo.

Se é preciso preferir, prefere os mais fracos

Existe uma característica peculiar do estilo de vida de um apóstolo, consequência do que ficou dito. Saber-se apóstolo, aprender a amar sempre e a todos como Cristo, viver com um coração limpo e ancorado nos bens de Deus, permite que se sinta predileção – como Cristo – pelos mais fracos e necessitados. Jesus, com efeito, cura os enfermos, louva os simples de coração, preocupa-se pelas crianças, compadece-se dos pecadores. Poderíamos dizer que, se é preciso preferir, Jesus prefere os mais fracos e necessitados, os que se sentem perdidos, em desvantagem, desprotegidos. Quando os discípulos de João Batista querem saber se ele é o Messias, manda-lhes dizer: “Anunciai a todos o que estais vendo e ouvindo: os cegos veem, os paralíticos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres se anuncia o Evangelho. E bem-aventurado quem não se escandalizar de mim” (Mt 11, 4-5)

Por que Jesus nos adverte sobre a possibilidade de escandalizar-nos dele? Talvez porque costumamos ter outras prioridades. O coração humano já foi descrito como uma “máquina de preferir e desdenhar”^[25], e em boa medida é verdade, pois tendemos a querer o que nos agrada e a rejeitar o que nos incomoda. Talvez seja espontâneo aproximar-nos daqueles que nos beneficiam e afastar-nos dos que nos incomodam; queremos os primeiros lugares e estamos dispostos a atropelar os outros para conseguir algum bem. Os discípulos do Senhor, pelo contrário, são chamados a ser aqueles que, tendo purificado o coração, os afetos e os sentidos, priorizam as pessoas e os âmbitos que mais têm sede da vida de Cristo; deixam-se *impressionar* pelo que representa um tesouro para o Senhor.

Pedro Ballester^[26], por exemplo, percebeu “que havia um menino de oito anos na vizinhança que não tinha com quem brincar. Embora fosse vários anos mais velho, Pedro convidou-lhe para brincar em sua casa. Desde então, aquela criança batia à porta dos Ballester com muita frequência”^[27]. Também nós podemos

perceber, entre os que estão perto de nós, os mais pobres de amor de Deus, quer dizer, os tristes, cansados, inoportunos ou descartados, por idade ou doença. “Criança. – Doente. – Ao escrever estas palavras – pergunta São Josemaria – não sentis a tentação de escrevê-las com maiúsculas? É que, para uma alma enamorada, as crianças e os doentes são Ele”^[28].

Na Obra, São Josemaria também quis que se cuidasse de modo especial os mais necessitados. Ensinou, por isso, a formar a juventude atendendo aos pobres, dando catequese às crianças, impulsionando iniciativas sociais em ambientes muito diversos. E com sensibilidade paterna pediu a todos os membros do Opus Dei que rezassem todo dia a Nossa Senhora a oração *Lembrai-vos de São Bernardo* pedindo pela pessoa da Obra que mais necessitasse de oração. Isidoro Zorzano, um dos primeiros membros da Obra, mostra como essa realidade já era vivida durante a guerra civil espanhola. Ele, que tinha liberdade de movimentos por sua nacionalidade argentina, podia visitar os membros do Opus Dei que estavam escondidos em Madri. Entre todos, não ocultava que tinha um que mais gostava de visitar: Vicente Rodríguez Casado. Isidoro dizia com simplicidade: “Eu vou vê-lo com frequência pois é o que está mais sozinho”^[29].

“O que ilumina deve aceitar aquilo que queima”^[30], diz um poeta contemporâneo. Com efeito, o fogo interior da vocação cristã é aquilo que precisamos conservar e alimentar para ser, como dizia São Paulo aos de Corinto, “uma carta de Cristo” que foi “escrita não com tinta, mas com o espírito de Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas que são corações de carne” (2 Cor 3, 3). Esse fogo, tanto em solteiros como em casados, e naqueles que receberam o dom do celibato, acende-se no amor de Cristo, propaga-se em outros fogos, purifica o coração e procura dar calor a quem mais necessita.

[1] Suetonio, *Vitae XII Caesarum. Vita Claudii*, XXV, 3. Na versão original se lê: “Iudeos impulsore Chresto assidue tumultuantes Roma expulit”.

[2] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 30

[3] Galeno, *Libro de sententiis Politiae Platonicae*, exposto por Abu Al-Fida Ismail Ibn-Ali, *Abulfedae Historia Anteislamica Arabice*, F.C.G. Vogel, Lipsia 1831, 109. Na versão original lê-se: “Sunt enim inter eos, et foeminae et viri, qui por totam vitam a concubitu abstinuerint”. Galeno nasceu em Pérgamo (Turquia) por volta do ano 130 e faleceu em 201. Foi médico da corte imperial no tempo de Marco Aurélio, bem como de seu filho Cómodo e dos imperadores seguintes.

[4] São Justino, *Apologia I*, 15, 6-7

[5] Guadalupe Ortiz de Landázuri (1916-1975) era química e professora espanhola e foi uma das primeiras mulheres do Opus Dei, como numerária. Destacou-se por sua entrega ao ensino e por seu trabalho evangelizador na Espanha e na América Latina. Foi beatificada em 2019.

[6] María del Rincón, María Teresa Escobar, *Cartas para um santo*.

[7] Mons. Fernando Ocáriz, mensagem de 9 de abril de 2019.

[8] Cfr. São Gregório de Nisa, *De Virginitate* 2, 1, 1-11.

[9] María del Rincón, María Teresa Escobar, *Cartas para um Santo*.

[10] Marcelo Henrique Câmara (1979 – 2008) era um leigo brasileiro, advogado e professor, conhecido por sua profunda vida de fé e de apostolado no Opus Dei. Destacou-se por sua alegria, espírito de serviço e testemunho cristão na vida cotidiana. Está em processo de beatificação.

[11] Maria Zoê Bellani Lyra Espindola. *No caminho da santidade; A vida de Marcelo Câmara, um promotor de justiça* (Portuguese Edition) (p. 55). Cia do eBook. Edição do Kindle.

[12] Arturo Álvares Ramírez (1935 – 1992) era um engenheiro químico e professor mexicano, reconhecido por sua dedicação à docência na Universidade de Guadalajara durante mais de trinta anos. Destacou-se por sua amabilidade e disponibilidade para com todos. Seu processo de beatificação teve início em 2021 em Guadalajara.

[13] Javier Galindo Michel, *La vida plena de Arturo Álvarez Ramírez*, Minos, Cidade do México 2018, 71.

[14] São Josemaria, *Caminho*, n. 120.

[15] São Josemaria, Anotações de uma reunião familiar (1967), em José Luis Illanes (coord.), *Diccionario de San Josemaría Escrivá de Balaguer*, Monte Carmelo, Burgos 2013, 490.

[16] São Josemaria, *Caminho*, n. 28

[17] O casal formado por Tomás Alvira (1906-1992) e Paquita Domínguez (1912-1994) foi um exemplo de vida cristã no matrimônio e na família. Membros da Obra, viveram sua fé com alegria, simplicidade e espírito de serviço, procurando transmitir a fé a seus filhos e a quem os rodeavam. Seu processo de beatificação está em curso.

[18] Hilario Mendo. *El secreto de los Alvira. Un ejemplo de amor matrimonial*, Palabra, Madri 2023, 29.

[19] Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral de 28 de outubro de 2020, n. 22.

[20] Hilario Mendo. *El secreto de los Alvira. Un ejemplo de amor matrimonial*, Palabra, Madri 2023, 116.

[21] Toni Zweifel (1938-1989) era engenheiro suíço, conhecido por seu trabalho na Fundação Limmat, Dedicada a promover projetos de desenvolvimento e educação em todo mundo. Destacou-se por sua profunda vida de fé, espírito de serviço e confiança em Deus, inclusive durante sua doença. Seu processo de beatificação está em curso.

[22] Agustín López Kindler, *Toni Zweifel. Huellas de una historia de amor*, Rialp, Madri 2016, 140.

[23] Cfr. *Ibidem* 33

[24] *Ibidem*, 51.

[25] José Ortega y Gasset, *La elección en amor [Revelación de la cuenca, latente]* em *Estudios sobre el amor*, Revista de Occidente, 8^a edição, Madri 1952, 92-99.

[26] Pedro Ballester (1994-2018) era um jovem britânico, conhecido por sua fé profunda e alegria em meio à doença. Era numerário do Opus Dei. Diagnosticado com câncer aos 17 anos, enfrentou seu sofrimento com fortaleza e confiança em Deus, dando o exemplo àqueles que o conheceram. Seu processo de beatificação está em curso.

[27] Jorge Boronat, *Pedro Ballester. ¡Nunca he sido más feliz!*, Cobel, Murcia 2022, 19.

[28] São Josemaria, *Caminho*, n. 419

[29] José Miguel Pero-Sanz, Isidoro Zorzano, Palabra, Madri 1996, 203.

[30] Anton Wildgans, em Wenceslao Vial, *Psicología y celibato*, em Juan Luis Caballero (ed), *El celibato cristiano*, Palabra, Madri 2019, 183.

[Voltar ao índice](#)

© Copyright 2026 Fundación Studium

www.opusdei.org